CHÁ À MODA SOVIÉTICA NO PALÁCIO[1]

Luísa Cury Gomes[2], Ana Lúcia Beck[3], Rosângela Miranda Cherem[4]

[1] Vinculado ao projeto "A távola do chá – estudo sobre elementos decorativos do Palácio Cruz e Sousa".
[2] Acadêmica do Curso de Artes Visuais – CEART – Pesquisadora voluntária de Iniciação Científica.
[3] Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – analuciabeck@gmail.com
[4] Supervisora, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangela.cherem@udesc.br

Compondo o espaço central da Ilha de Santa Catarina está a Praça XV de Novembro, com sua imensa figueira, ladeada pela Catedral Metropolitana e pelo Palácio Cruz e Sousa. Abundantemente ornamentada, a frente do Palácio rosado chama a atenção pela diversidade de elementos decorativos. Todavia, nem sempre foi assim. Originalmente, tratava-se de uma simples edificação de aspecto colonial construída como Casa do Governo, no século XVIII. Mas, entre 1894 a 1898, durante o governo de Hercílio Luz, o Palácio passou por uma grande reforma caracterizada pela adição de inúmeros elementos decorativos sob o estilo eclético. Em 1978, o edifício tornou-se sede do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), cujos elementos objetos de acervo são pesquisados por nós, com o intuito de recuperar a vida dos objetos, contando suas histórias e enriquecendo o conhecimento público no âmbito do patrimônio imaterial que é indissociável do material museológico. Tendo como referência *A História do Mundo em 100 Objetos* de Neil Macgregor e *Lendo Imagens* de Alberto Manguel, pensamos os objetos como testemunhos de uma história ágrafa, permitindo leituras que vão além dos registros escritos.

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar e catalogar objetos, formando um inventário, através da constituição de narrativas que se relacionam entre si e com a história do patrimônio cultural que é o Palácio Cruz e Sousa, além de criar um vocabulário compartilhado entre os elementos e objetos do acervo, possibilitando uma leitura mais sólida da história do Palácio para o público. Pretende-se também divulgar os resultados em eventos de iniciação científica. Contextualizando os elementos visuais, pretende-se compreender melhor os costumes, hábitos e a mentalidade dos frequentadores do Palácio no século XIX, complementando assim dados do acervo e auxiliando futuras pesquisas, visto que se trata de uma pesquisa de base, essencial para um maior aprofundamento museológico.

A metodologia escolhida se baseia em revisão bibliográfica teórica; pesquisa em catálogos, informações digitais e fichas técnicas de tombamento; busca em fontes históricas, como jornais e outros documentos; visitas ao Palácio, visando à investigação *in loco*, assim como o registro fotográfico e em desenho, possibilitando uma relação de ordem objetiva e afetiva entre as pesquisadoras e os objetos escolhidos.

Ao subir pela escadaria do salão principal do Palácio, passando pelas estátuas luminárias de peltre, à direita, fica a sala de saraus, cheia de belíssimos instrumentos musicais. No canto, em cima de uma mesinha de madeira, repousa um estranho objeto. À primeira vista, o samovar parece mais uma escultura antiga e pesada do que algo funcional (Figura 1). Em russo, *самовар*, o nome se torna auto explicativo; *сам* – sozinho, por conta própria e *вар* (de *варить*) – cozinhar, ferver, ou seja, "ferver por si próprio". O estrangeiro formato desse utensílio culinário se torna familiar à medida que suas partes são explicadas: uma base de quatro pés; o bojo com dois

tanques, cujo interior armazenaria água fervida e carvão em brasa, duas alças, uma torneira incompleta (que foi furtada) a tampa do bojo, com válvula; e uma extensão de chaminé medindo 69 cm. O samovar foi presenteado ao Governador Antônio Carlos Konder Reis em 1974 pelo Embaixador da União Soviética em visita à Santa Catarina. A cultura do chá é muito tradicional na Rússia, sendo o samovar o maior símbolo dessa tradição.

Muito presente na literatura russa do século XIX, a tradição do chá é ilustrada por Tchekhov nos mais diversos ambientes; rodeado por dramas humanos, tanto na izba de mujiques que dormem amontoados, como na requintada casa das Três Irmãs, o samovar aquece os lares com seus chiados e vapores no frio invernal da Rússia. Vê-lo de perto no Museu Histórico é algo muito especial, já que no Brasil é incomum encontrar exemplares desse objeto, principalmente do período em que foi presenteado. Não se sabe se o samovar metálico do Palácio esquentou as senhoras e senhores durante os saraus, mas podemos imaginar como teria funcionado caso fosse usado. Primeiramente, o carvão seria aceso na parte inferior do tanque central que se conecta à chaminé e a água seria colocada no tanque maior, ao redor; um bule de porcelana com chá concentrado seria posto no topo do samovar. Uma vez fervida a água e feita a infusão, os convidados se serviriam de uma pequena porção do concentrado e da água do samovar, diluindo o chá na própria xícara. Na Rússia, é costume tomar chá com geleia e frutas e até cubos de açúcar entre os dentes, o que acabou por cariar os dentes de muitos amantes de chá.

Através da contação de história, os objetos podem ganhar voz, um samovar estático em seu canto adquire movimento e sentido, sua superfície de metal refletora se torna testemunha de vidas que se passaram ao seu redor em dança e poesia.

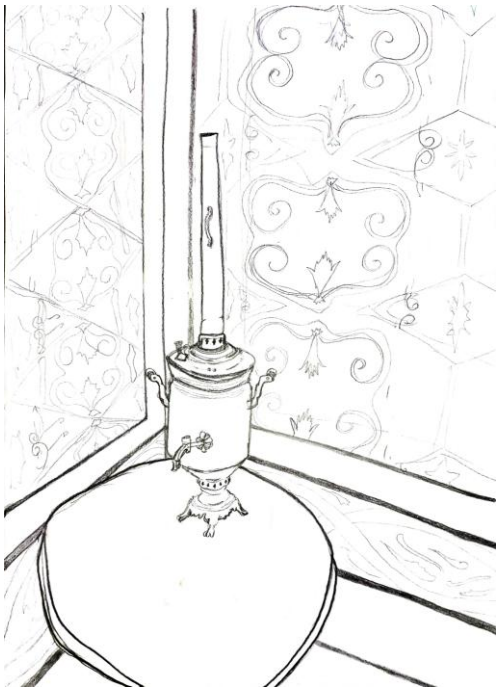

Figura 1. *Samovar no canto da Sala de Música*. Fonte: desenho de Luísa Cury Gomes.

Palavras-chave: Palácio Cruz e Sousa. Samovar. Cultura russa.